

APRESENTAÇÃO

Rumo ao mundo exterior: 10 anos do Curso de Relações Internacionais

Ana Regina Falkembach Simão¹

Adriana Schryver Kurtz²

“Ah! Os caminhos estão todos em mim./ Qualquer distância ou direção, ou fim/ Pertence-me, sou eu. O resto é a parte/ De mim que chamo o mundo exterior”. É bem verdade que a pesquisa e a reflexão no campo das Relações Internacionais têm poucos momentos de convergência com a poesia. Mas os versos de Fernando Pessoa³ nos parecem adequados para celebrar, nesta edição, os dez anos de existência do Curso de Relações Internacionais da ESPM-Sul. E ao fazer isso, reunir os trabalhos de parte de seus egressos que, hoje, seguem direções variadas, muitos dos quais com os olhos voltados para o mundo, em programas de Pós-Graduação do Brasil e do exterior. Nada mais justo para a comemoração de uma década de trabalho voltado à formação de jovens internacionalistas do que apresentar o fruto de suas pesquisas nos novos caminhos que agora seguem.

Tendo sido lançada no ano de 2010, com o objetivo de qualificar cada vez mais as atividades no campo científico do Curso de Relações Internacionais da Escola Superior de Publicidade e Marketing do Rio Grande do Sul (ESPM-SUL) - a partir de seu Núcleo de Estudo e Pesquisa (NEPRI) -, a **Século XXI Revista de Relações Internacionais** apresenta o trabalho de sete de seus alunos e alunas, que gentilmente reservaram artigos para esta edição comemorativa. Há que se fazer uma nota acerca do expressivo número de mulheres numa área que, tradicionalmente, ainda é muito marcada pela presença masculina, o que representa um avanço importante. De resto, para além das questões de gênero, vemos trabalhos de temáticas variadas, mostrando as muitas possibilidades e interesses que se abrem a partir de uma formação acadêmica na qual as habilidades de pesquisa e de atuação profissional são igualmente estimuladas. Assim, assuntos clássicos como o MERCOSUL; a liderança regional do Brasil e sua relação com a

1 Editora da Revista Século XXI, pesquisadora do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Relações Internacionais (NEPRI) e Professora do curso de Relações Internacionais da ESPM-Sul. Doutora em História pela UFRGS. (asimao@espm.br)

2 Editora Assistente da Século XXI, pesquisadora do Núcleo de Estudos em Jornalismo (NEJOR) e Professora dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da ESPM-Sul. Doutora em “Comunicação e Informação” pela UFRGS. (akurtz@espm.br)

3 O poema, não titulado, integra a edição de “Poesias Colegidas, Quadras ao Gosto Popular e Novas Poesias Inéditas” de Fernando Pessoa, editado pela Nova Fronteira (1981).

Argentina; as relações da América Latina com potências emergentes como China e Coréia e a política industrial do país estão ao lado de abordagens originais que versam sobre a criatividade como competência essencial num século marcado pelo *ethos* do neoliberalismo e empreendedorismo e sobre os desafios postulados pelas novas tecnologias. Dito isso, passemos à apresentação dos textos aqui reunidos, por ordem alfabética de seus respectivos autores.

“Inserção internacional da América Latina: a visão da CEPAL acerca do desafio chinês para a região no século XXI”, de Adriana Pilar Ferreira Albanus, busca identificar a visão da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), tendo como horizonte de análise os desafios propostos pela ascensão chinesa como uma potência econômica na região. O artigo parte de uma revisão acerca do pensamento cepalino, de sua origem em 1950 até sua atualização – com um viés neoestruturalista – a partir dos anos 1990. Em seguida, examina a evolução das relações sino-latinoamericanas, a partir da ascensão chinesa no século XXI, bem como os impactos da crise econômica em 2008. Finalmente, a autora analisa a visão da CEPAL acerca do desafio atual representado pela ascensão da China como potência econômica da região a partir das suas oportunidades e ameaças, avaliando ainda as estratégias propostas pela instituição para melhorar a inserção latino-americana.

Como bem nota Adriana Albanus, o pensamento cepalino foi desenvolvido - desde sua origem - em um contexto de relações preferenciais com os Estados Unidos que, por si, apresentaram um padrão assimétrico nas questões comerciais em todo o seu histórico. Daí a proposição de que a emergência da China no século XXI impõe uma atualização da Cepal e novas reflexões que envolvem questões como a estrutura de relações bilaterais; a organização de uma nova divisão internacional do trabalho e, principalmente, o papel que cabe à América Latina em tal configuração. Afinal, pergunta a autora, quais as estratégias para impulsionar as oportunidades e enfraquecer as ameaças ao desenvolvimento latino-americano? Ou seja, qual a visão atual da Cepal acerca do desafio chinês para a inserção internacional da América Latina?

Já Alice Saccaro, no texto intitulado **“Política Industrial Brasileira (2004 – 2014): uma breve descrição das metas voltadas para fomento das exportações de bens do setor industrial e uma análise dos desafios para alcançar esses objetivos”** revisita a década compreendida entre 2004 e 2014 para lançar um olhar retrospectivo sobre a elaboração, por parte do Governo Federal, de Políticas Industriais que objetivavam a modernização da indústria brasileira, para além do fato de que tais planos possuíam metas direcionadas ao comércio internacional. A autora descreve as três Políticas Industriais elaboradas durante os governos Lula da Silva e Dilma Roussef, dando ênfase para aquelas voltadas ao fomento das exportações, analisando igualmente os desafios ainda enfrentados no âmbito do

comércio internacional brasileiro. Para tanto, o artigo se debruça ao estudo dos fatores que influenciaram as exportações nos últimos anos e analisa a composição da pauta de exportações, classificando os bens pela sua intensidade tecnológica. A autora concluiu que a Política Industrial enfrentou condições adversas nessa última década, o que acabou comprometendo a obtenção de suas metas.

E lembra a condição assimétrica entre os diferentes players internacionais: em países desenvolvidos, destaca a autora, a indústria tem participação estratégica nas cadeias globais de valor. Assim, através de atividades nesse setor, “essas nações exploram os ramos da tecnologia, inovação e ciência, possuem empregos com melhores remunerações e exportam produtos com maior valor agregado para o resto do mundo”. Já no caso brasileiro, como Alice Saccaro procura demonstrar ao longo do texto, as exportações estão fortemente concentradas em *commodities* e bens com baixa intensidade tecnológica. O resultado já é conhecido: o país continua a depender das importações para obter produtos com maior tecnologia. De resto, no que concerne às exportações, variáveis como taxa de câmbio, crescimento mundial e taxa de juros também impactaram no comércio internacional, afetando os objetivos das Políticas Industriais da década em questão.

Num enfoque de caráter multidisciplinar, Ana Maria de Souza Teixeira apresenta o texto “**A criatividade como competência essencial no Século XXI**”, no qual o conceito é analisado no âmbito do capitalismo avançado característico da contemporaneidade. Tendo como metodologia a análise do discurso e baseada nas contribuições teóricas de Michel Foucault, sobretudo em seus estudos sobre a governamentalidade, o artigo objetiva compreender de que forma o fomento à criatividade no século XXI tem se institucionalizado nas sociedades ocidentais, a partir dos conceitos do si empreendedor (*das unternehmerische Selbst*) e do dispositivo de criatividade (*Kreativitätsdispositiv*).

Diante de um panorama pós-fordista de inovações aceleradas, relações de trabalho temporárias e ênfase no capital imaterial, a palavra ‘criatividade’ tem se destacado não apenas pela frequência com que é evocada, mas também pela conotação positiva que quase unanimemente lhe é conferida, postula a autora. Ana Maria Teixeira defende que conceitos como *creative industries*, *creative economy*, *creative class* e *creative city*, os quais surgiram e se multiplicaram rapidamente nas últimas décadas, revelam um fenômeno não meramente semântico, mas sobretudo social: o desenvolvimento sistemático de um ideal de criatividade no século XXI. E faz notar que a referência ao criativo tem ocorrido cada vez mais em contextos do empreendedorismo, tornando difícil o ato de falar em criatividade sem se mencionar a indústria, a inovação e os negócios. Ou seja, para além de aspirações artísticas individuais, “a busca pelo criativo revela-se, hoje, nos hábitos de consumo, nas relações de trabalho, na reestruturação de organizações e até

mesmo na elaboração de programas políticos” fazendo com que o apelo ‘Seja criativo!’ tenha se tornado um verdadeiro “mantra da pós-modernidade”. A partir das contribuições de Ulrich Bröckling (2007) sobre o ‘si empreendedor’ (*das unternehmerische Selbst*) - essencial para analisar a subjetividade do indivíduo nas sociedades ocidentais contemporâneas – e de Andreas Reckwitz (2012) acerca do chamado ‘dispositivo de criatividade’ (*Kreativitätsdispositiv*), o artigo busca refletir sobre a criatividade como competência fundamental no século XXI.

De volta às questões mais clássicas das relações Internacionais, Augusto Gavioli apresenta o trabalho intitulado “**A tentativa de obtenção da liderança regional brasileira e as relações com a Argentina: realismo e estratégia distributiva como orientação**”. O autor parte do pressuposto que as relações entre Brasil e Argentina são marcadas por uma trajetória ascendente que parte de um cenário de instabilidade e de desconfiança e atingem um patamar de estabilidade, de cooperação e de relações benéficas e construtivas. Todavia, nota que o objetivo de consolidação da liderança regional brasileira durante o governo Lula impôs desafios à essa dinâmica. Assim, o trabalho objetiva abordar aspectos referentes à atuação diplomática brasileira durante o governo de Luiz Inácio da Silva e as relações com o aliado estratégico, a Argentina, na tentativa de consolidação de um patamar de liderança regional. Para tanto, é apresentada uma contextualização geral da política externa do período e também das relações Brasil – Argentina a partir da posse do presidente brasileiro. O argumento do autor é de que o grupo dos autonomistas orientou a política externa a partir da lógica do realismo e da estratégia distributiva de atuação internacional.

Como hipótese central, argumenta que o Brasil - ao contrário do aspecto econômico no qual o país logrou amplo protagonismo regional - não foi bem-sucedido em consolidar seu projeto de liderança regional, tendo encontrado resistência dos países em seu entorno e, principalmente, da Argentina, o que deslocou a atenção brasileira para oportunidades internacionais extra regionais como o BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) e o IBAS como meio de consolidar sua liderança. Assim, Augusto Gavioli busca dar conta de uma questão pontual: como as relações bilaterais Brasil–Argentina influenciaram a tentativa de consolidação do projeto de liderança regional brasileiro?

“**As novas tecnologias: um ensaio sobre o fim da segurança internacional como conhecemos**”, de Bruno Celidonio, inicia sua reflexão lembrando que atualmente existem mais de setenta formas de agressões cibernéticas conhecidas. Essa listagem – certamente parcial e que mudará rapidamente - de modos de invasão (ou agressão cibernética) representa, nas palavras do autor, possibilidades simples (e talvez hoje arcaicas) de se invadir um espaço virtual de segurança através de computadores: “ao alcance de um clique, qualquer pessoa que se aprofunda no mundo *hacker* pode se utilizar destas ‘armas’ para burlar códigos

e obter informações restritas de pessoas, empresas ou governos.”. Ou seja, como ressalta o autor, a tecnologia que se introduziu na vida cotidiana também repercute no âmbito da segurança nacional. Aparatos que até então seriam voltados para aproximar o virtual do real, tendo seu principal uso comercial voltado para lazer e ações profissionais, hoje fazem com que o que parecia apenas possível em um futuro distópico seja um perigo iminente.

Combinando conceitos como o de “sociedade de controle”, de Deleuze (1992), com as observações de Galloway (2004), sobre o panorama essencialmente cibernético contemporâneo, o autor defende a tese de que tecnologias digitais de comunicação são ferramentas fundamentais da sociedade de controle – tendo a internet como sua maior expressão – transformando os *hackers*, desta forma, em atores políticos a ser considerados.

“As origens da revolução coreana: circunstâncias locais e legados históricos”, de Luana Margarete Geiger, lança um olhar sobre as origens da Revolução Coreana (1950-1953), analisando os antecedentes históricos da constituição dos dois Estados coreanos. O texto lembra que muito antes da divisão artificial da península, a nação coreana encontrava a sua razão de ser na luta anticolonialista e anti-japonesa. “A partir dos esforços pela libertação nacional, os ideários do nacionalismo e do comunismo adentraram a Coreia e passaram a servir como base para os movimentos de resistência ao imperialismo japonês”. No entanto, com o fim da Segunda Guerra Mundial e a queda do Império do Japão, a península coreana acabou, quase imediatamente, sendo inserida na lógica da Guerra Fria e artificialmente dividida e ocupada pelas duas superpotências da ordem bipolar. Assim, após a ocupação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) ao norte e dos Estados Unidos da América (EUA) ao sul, os diferentes modelos de Estado que foram implantados desencadearam a Guerra da Coreia.

O texto é dividido em quatro seções: o estudo dos antecedentes históricos da península, cobrindo o período entre o século XI A.C. até o início do século XX; o colonialismo japonês (1910-1945) e os seus impactos sobre a península, de forma a compreender as origens da luta pela autonomia e pela libertação nacional; a divisão da península e da formação das duas Coreias; uma breve análise da Guerra da Coreia, visando esclarecer as motivações por trás do estopim do conflito e seus principais desdobramentos. A autora defenderá a tese de que a Revolução Coreana representou um conflito entre dois sistemas econômicos e sociais conflitantes, cujas origens não são restritas ao norte da península e constituem um fenômeno nacional, marcado pela busca por autonomia. A divisão oficial da península entre a República da Coreia (RDC) e a República Popular Democrática da Coreia (RPDC) mascara a existência de uma identidade nacional anterior.

Os dois países de maior envergadura na América do Sul voltam ao foco dos debates no artigo de Namisi Silva de Oliveira, intitulado **“As relações entre**

Brasil e Argentina no âmbito do MERCOSUL durante os governos FHC e Lula: mudanças e continuidades”. Parte-se do pressuposto de que, de diferentes formas, o MERCOSUL tem sido considerado como um instrumento político de defesa de interesses para seus países membros, que buscam promover seus objetivos em uma nova ordem mundial. Se, como postulam a grande maioria dos autores sobre o tema, a presença da América do Sul no escopo da política externa brasileira foi se tornando cada vez mais significativa ao longo da década de 1990, há que se considerar o período final do governo Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) e o governo Lula (2003-2010). Aqui teríamos um dos traços de continuidade mais marcantes entre os dois governos, que confere uma política de Estado de longo prazo ao projeto brasileiro e sul-americano (REIS, 2013).

Já do lado argentino, as relações com a América do Sul e com o Brasil iniciam uma nova fase de significados com os mandatos de Carlos Menem (1989-1999) e Néstor Kirchner (2003-2007). Para o primeiro, a integração regional viria a ser uma ferramenta crucial para construir uma nova Argentina. Seu posicionamento em favor da integração não era unicamente ideológico, mas sim um meio para somar eficiências relativas e potencializar um salto qualitativo nas economias da região. Desta forma, considerando o cenário internacional e os momentos de crise enfrentados em nível regional e global, o artigo conclui com um balanço das continuidades e mudanças estabelecidas ao longo dos dois governos brasileiros com relação à Argentina e ao MERCOSUL.

Esta edição da **Século XXI Revista de Relações Internacionais**, que excepcionalmente abre mão de seu Dossiê para celebrar o décimo aniversário do Curso de Relações Internacionais da ESPM-Sul, se orgulha em trazer as contribuições científicas daqueles que, ao longo desta década, fizeram parte desta história. E como disse ainda Fernando Pessoa: “Quero, terei – / Se não aqui, / Noutro lugar, que inda não sei/ Nada perdi/ Tudo serei”. Assim, só resta desejar aos nossos leitores que desfrutem dos textos aqui reunidos.